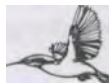


DA *DECIFRAÇÃO*
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação

Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais
IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

**AS CARTAS DE HELOÍSA E ABELARDO:
A DECIFRAÇÃO NUM DISCURSO *IN ABSENTIA***

Laura Vasconcellos

(Universidade Nova de Lisboa)

O conjunto de textos designado por *Correspondance*, conservado através de vários manuscritos cujo arquétipo parece ser o da Biblioteca de Troyes, copiado no século XIII e que se apresenta em forma epistolar, contém uma autobiografia de Abelardo, a *Historia Calamitatum*, carta dirigida a um amigo, Pierre le Vénéral, abade de Cluny; uma *Consolatio*, enviada a Abelardo por Heloísa após ter tido conhecimento da *Historia Calamitatum*; três cartas - de Abelardo a Heloísa, a resposta desta e uma última de Abelardo, onde os dois amantes reflectem sobre o passado comum e exprimem os seus sentimentos sobre o futuro; três cartas de carácter impessoal, correspondência relativa à administração do mosteiro de Paraclet onde Heloísa é abadessa, e uma Regra proposta por Abelardo às monjas sob jurisdição da sua "esposa". Interessam-nos, aqui, os cinco primeiros documentos.

O processo de reflexão exposto nestes cinco documentos dá conta que estas cinco cartas, embora escritas a dois, possuem uma sólida coerência interna. Há um fio condutor que atravessa estes textos centrando-se na articulação entre um desejo-paixão vivo e ainda latente e uma escrita-paixão, sendo ambos fonte de prazer igualmente procurada pelos próprios intervenientes. Quem conhece a obra de Abelardo não duvida da sua paixão pela Palavra e da sua crença no valor ontológico do verbo; Abelardo o dialéctico, Abelardo o escolástico, Abelardo o lógico. Ele que, mesmo em desacordo com os autores da Patrística, apelava à necessidade da reflexão, de uma ciência da linguagem; ele que afirmava que as palavras existem para significar (nominalismo), mas fundam-se na realidade, correspondem às coisas que significam; ele que dizia que a lin-

guagem não pode ser o véu da realidade, mas sim a sua expressão. Esta paixão trouxe-lhe Heloísa, a única mulher que poderia estar à sua altura devido à sua inteligência, à sua cultura, ao seu desejo de aprender: ela a aluna, ele o seu mestre e, como ele próprio diz, "os livros estavam abertos, mas era o amor, mais do que a leitura, que constituía o objecto dos nossos diálogos; trocávamos beijos em vez de sábias proposições. As minhas mãos voltavam-se com mais frequência para os seus seios do que para os livros. Os nossos olhos, de um ao outro, reflectiam mais o amor do que se dirigiam para o texto."

O percurso que se desenvolve nestes textos realiza-se em dois níveis: o amoroso e o intelectual. Assim, encontramos dois modos de pensar que se entrecruzam, duas retóricas distintas no século XII, a escolástica e a cortês, de cuja tensão sobressai a expressão de um pensamento extremamente elaborado, com um objectivo preciso, onde momentos de real sinceridade se alternam com outros de auto-justificação, de busca de legitimidade e, até, de elevação divina. A nível estilístico e formal, os discursos de Abelardo e de Heloísa assemelham-se, mas a nível temático diferem. Se a escrita de Heloísa contém as marcas do seu mestre, o pensamento é bem o seu. No entanto, ambos os discursos procuram, em última análise, a sua própria validação.

A primeira destas cinco cartas é dirigida por Abelardo ao seu amigo Pierre le Vénéral, abade de Cluny e tem como propósito explícito servir de consolação, uma vez que este atravessa um período difícil da sua vida. É uma autobiografia, até certo ponto inspirada nas "Confissões" de Santo Agostinho, como era costume na época, mas de teor mais límpido, mais pessoal, mais sincero, onde Abelardo conta a história dos seus infortúnios. Depois de uma breve introdução que apresenta o objectivo desta sua escrita, isto é, servir de consolação, Abelardo dá conta das suas origens, do início dos seus estudos onde, desde logo, se evidencia a sua superioridade; faz a narrativa da sua dupla história (percurso amoroso e intelectual que, sem dúvida, apresenta com um paralelismo evidente: a castração física corresponde à tentativa de castração intelectual que é a queima pública da sua obra sobre Teologia) e finaliza com o relato das perseguições de que não cessa de ser alvo, por parte dos seus pares e dos monges de Saint-Gildas, terminando com uma despedida onde relembra o propósito deste seu discurso. A *Historia Calamitatum* é um todo bem organizado, brilhante a nível retórico e argumentativo, onde assistimos à exposição dos contrastes e das contradições que revertem a favor daquele que é detentor da palavra, confundindo o leitor através de um raciocínio a raiar o silogismo o que permite conduzi-lo, manipulá-lo. Abelardo expõe o contraste entre a sua glória intelectual e os seus infortúnios que a

"malevolência" dos "invejosos" desencadeou. Mas são precisamente esses infortúnios que se traduzem no expoente máximo da sua vitória. Ele intercala momentos de verdadeira sinceridade onde apela à humildade, com outros onde se crê o único filósofo do mundo, onde afirma a sua unicidade. Mas existe uma gradação no seu discurso: à medida que o seu relato chega ao fim aparece a vontade de uma viragem para Deus, para o espírito, que se reafirma, de maneira clara, nas cartas que envia como resposta às de Heloísa. A *Historia Calamitatum* serve, também, de motivo para o início da correspondência entre os dois amantes, que se querem agora amantes em Deus, uma vez que é através do conhecimento que Heloísa tem da escrita desta carta a Pierre le Vénéable, que ela, comovida pelos infortúnios do seu esposo, decide escrever-lhe. Nesta sua primeira carta, "Consolado", Heloísa dá conta de que Abelardo teria feito de modo a que uma cópia da *Historia Calamitatum* lhe fosse entregue. Daqui se pode sugerir que Abelardo teria, seguramente, em vista, ao escrever a *Historia Calamitatum*, uma audiência, um público mais vasto, o que vai ao encontro do cuidado e do brilhantismo aplicado na elaboração desta, para que as suas palavras convençam de modo a legitimar não só o homem, a vida, mas também a sua escrita, a sua palavra.

A escrita epistolar apresenta a possibilidade de remeter para um leque de destinatários sem conta. A carta pode sofrer desvios no percurso até ao seu declarado destinatário; pode ser manuseada, lida, pode ficar retida, prendendo no tempo essa palavra que se quer fazer circular, fazer chegar a...

A carta, como escrita *in absentia*, pressupõe uma distância; o interlocutor encontra-se ausente. Então, insiste-se no jogo entre o sentido e a forma, tendo em conta que a linguagem possui duas orientações aparentemente contraditórias: a elasticidade ou liberdade, por um lado, e a regra, limitação, por outro. Nesta escrita a única presença, num primeiro momento, é a do próprio emissor; é uma escrita que nos põe perante nós mesmos, uma vez que somos o seu primeiro destinatário e que nos remete, através da sua dualidade, para a nossa própria duplicidade, para o nosso próprio desdobramento e na qual se encontra, ausente, toda e qualquer linguagem gestual, mímica que ajudaria a decifrar o conteúdo da mensagem. Abelardo dispõe as palavras de modo a construir-se uma imagem de si próprio que quer passar para os outros. Ele conhece a real dimensão da sua carta a Pierre le Vénéable e de como ela pode, percorrendo um leque infinito de destinatários, não só veicular a sua palavra, mas também alimentar a sua fama e contribuir, de maneira definitiva, para a criação da imagem desejada. Abelardo sabe que esta palavra solta, sem resposta imediata, necessita ser bem conduzida para que os objectivos desta

escrita sejam alcançados. Ele quer-se como o único e total condutor do sentido, por isso vai utilizar toda a sua genialidade e conhecimento nesse campo que tão bem domina, para afirmar os seus propósitos. Como a resposta não é imediata, torna-se necessário um controlo que se realiza a partir de uma distância real, no espaço e no tempo. O jogo é mais complexo, pois há que tentar suprimir, senão suavizar, os efeitos dessa situação espacio-temporal. O discurso deve conter uma espécie de análise primeira sobre a reacção do outro. A carta apresenta um diálogo íntimo, a dois, no qual a única presença se centra no emissor e na imagem que se faz do destinatário. Este processo ecoa no destinatário que recebe, por sua vez, a imagem, a presença, do outro, do emissor, através do discurso de que, no acto de leitura, se apropria tornando-o a sua própria ficcionalização. Assim, a escrita epistolar apresenta uma intencionalidade própria que lhe é intrínseca e que se realiza nos modos de discurso utilizados pelo emissor. Eu e o Outro que, num primeiro momento, sou eu próprio, é, também, sobre este aspecto da escrita epistolar que incide o jogo.

Ao lermos este conjunto de cinco cartas, há algo que se nos apresenta como óbvio: a intencionalidade posta no discurso por parte de Heloísa é menor e menos abrangente do que a de Abelardo. Poderíamos dizer que ela é mais espontânea, mais sincera, que ela abre o seu coração e o seu pensamento sem limites. Mas há que ter em conta, a par de todos os exemplos e citações incluídos nas suas cartas que dão conta das palavras de autoridades que vão desde Séneca e Cícero a São Paulo, Santo Agostinho e São Jerónimo, entre outros, que para Heloísa o principal, mas não o único, destinatário é, efectivamente, Abelardo. No entanto, em várias partes do seu discurso em que lhe tece recriminações, acusando-o de negligência, e em que se lamenta, ela refere o mundo exterior, os outros, e evoca-os como testemunhas. O seu discurso não é visto, por si própria, como sendo completamente fechado. Ela recupera vários temas que Abelardo expõe na sua *Historia Calamitatum* como, por exemplo, a mulher causadora da ruína do homem. Abelardo fala nestes termos a Fulbert, tio de Heloísa, explicando-lhe as razões que o fizeram "seduzir" Heloísa: "Assegurei-lhe que aquilo que eu havia feito não surpreenderia nenhum dos que já tinham sentido a violência do amor, sabendo por isso em que abismos as mulheres, desde a origem dos tempos, precipitavam os grandes homens." Ela escreve, na sua segunda carta: "As mulheres somente provocarão a ruína dos grandes homens." E segue citando vários exemplos bíblicos, desde Eva, Dalila, Salomão e David, até Job acabando do seguinte modo: "O astuto Tentador, instruído pela experiência, bem sabia que a esposa de um homem é o mais eficaz e o mais suave instrumento que o conduz à sua própria ruína."

Heloísa escreve exigindo uma presença. Ela escreve para suprir uma ausência. Deste modo, se o discurso epistolar traz consigo uma intencionalidade, por parte do emissor, de modo a "baralhar" a descodificação unilateral da palavra, isto é, através somente do destinatário, também este criou um certo "horizonte de espera"¹ que vai actuar de modo decisivo na decifração do texto. Lê-se o que se quer ouvir: o desejo intervém na recepção da carta e, por vezes, provoca a distorção das palavras do outro. A duplicidade há pouco referida da figura do emissor, que se prende, também, com a ambiguidade e, ou, ambivalência da própria linguagem em si, reflecte-se nesta ambiguidade e, ou duplicidade que vamos encontrar nos processos de decifração.

Para além da já referida *Historia Calamitatum*, onde Abelardo narra os seus infortúnios, este conjunto de cinco cartas da *Correspondance* conta, como já dissemos, com mais duas cartas de Heloísa e duas de Abelardo, num sistema de escrita/resposta.

A primeira carta de Heloísa, a *Consolatio*, uma espécie de comentário à *Historia Calamitatum*, constrói-se em torno da memória, do passado. Em resposta a esta, Abelardo, cujo tom alcançou, quase que definitivamente, o campo teológico, voltado que está para o espírito, para o divino, incide sobre o tema da palavra, do seu poder, da oração. A segunda carta de Heloísa responde a essa vontade de elevação mística evocando a morte, a vida, o amor, o sofrimento, o desejo, o arrependimento, a penitência e a injustiça divina. E um discurso cortês, é, sobretudo, um discurso humano versus o discurso místico-cristão de Abelardo. O quinto e último texto, a segunda carta de Abelardo em resposta a Heloísa apresenta como tema o caminho para Deus, como única solução possível, apresentando a explicação de uma passagem bíblica, como metáfora, sobre a qual nos debruçaremos, mais adiante. Aparece-nos, nesta carta de Abelardo, a exposição de uma outra dimensão da sua relação com Heloísa e um desejo sincero de conversão. Ele rebate os argumentos apresentados por ela e termina com uma oração. Estas cartas centram-se no debate de posições opostas: por um lado, Heloísa que fala do amor humano, que recusa voltar-se totalmente para Deus, uma vez que isso seria fechar, definitivamente, a porta ao seu amor, à sua memória de um passado que, contraditoriamente, a faz sofrer, mas também a faz viver e, por outro lado, Abelardo que preso a esse passado que o atormenta, tenta mostrar que o caminho é um outro, que o caminho passa pela entrega a Deus.

Em Heloísa e Abelardo estamos perante um processo de sedução que deriva, quase que totalmente, da "letra", do desejo do saber, da ima-

¹ Tomando emprestado este termo de Jauss e o seu conceito.

gem criada por um discurso anterior a estas cartas trocadas entre os amantes (discurso esse que estas cartas vão expor fazendo uma espécie de síntese). Antes do discurso amoroso encontra-se o discurso do saber, da filosofia e é este que vai possibilitar o outro discurso, o do amor. Abelardo, na sua *Historia Calamitatum* fala de Heloísa pondo em evidência que:"(...) a vasta cultura que possuía tornava-a soberana. O conhecimento das letras é algo de tão raro nas pessoas do seu sexo que só por isso ela exercia uma atracção irresistível e a sua fama havia já percorrido o reino. Via-a, assim, coberta por todos os encantos que atraem os amantes." O amor constrói-se através da imagem do outro e, neste caso, essa imagem constitui-se nas palavras, na "letra". Decifrar essa "letra" é trazer o outro até nós. E de que modo nos chega esse outro? Como é que ele é? A resposta reside na própria escrita, no local de encontro entre aquilo que o emissor quer fazer crer e o que o destinatário quer encontrar, o que espera. No caso de Heloísa, a escrita, a carta, vai tentar reparar a falta de uma ausência, instituindo uma presença que lhe devolve uma imagem, um corpo (que aqui se confunde, ou melhor, se funde no próprio corpo da "letra"). Ela escreve:" (...) uma vez que perdi a presença corporal daquele que a havia escrito, as palavras reavivarão, um pouco, a sua imagem." E mais adiante:"(...) a pena da ausência, as cartas são, assim, ainda mais doces pois trazem-nos uma imagem viva. Graças a Deus, nenhum dos teus amigos poderá impedir-te de estares presente através delas." E escreve referindo-se à escrita das cartas:" Suplico que não me faltes por negligência." A escrita não só restitui ao amante a presença do ser amado, como também é mais ousada pois permite dizer coisas das quais não se ousaria falar. Escreve Abelardo: "E mesmo que, por vezes, estivéssemos separados continuaríamos a estar presentes um ao outro através de cartas. As palavras que se escrevem são frequentemente mais audaciosas do que aquelas ditas pela boca. Assim, a alegria dos nossos encontros não seria interrompida." A "letra" substitui o corpo físico e institui-se, ela própria, esse mesmo "corpo físico" presente. É, também, por isso um "corpo" portador de prazer, de desejo.² Esta passagem de Abelardo na *Historia Calamitatum* é, também, um convite à escrita, a escrita de Heloísa, pois ele sabe que ela lerá estas suas palavras e que saberá decodificar a mensagem que ele aqui lhe envia.

Analisemos um pouco mais de perto o discurso de Heloísa nas duas cartas que escreve a Abelardo. Já Constância, antes de Heloísa, escrevera

² Não esqueçamos que, para os primeiros Padres da Igreja a ligação excessiva aos princípios formais da linguagem, associada à retórica, era concebida como uma fixação fundamentalmente erótica na carne.

cartas de amor a Baudri de Bourgueil onde lhe suplicava que, acima de tudo, nunca deixasse de lhe escrever e, como este cessou as suas visitas, ela acusa-o de negligência e deslealdade. Estas passagens lembram a primeira carta de *Heloísa*. Como *Constância* e até certo ponto, *Heloísa* escreve as suas próprias *Heróides*: as duas primeiras cartas a *Abelardo* expressam o estado afectivo de uma heroína, que deseja ardentemente, que sofre com o abandono do ente amado, a admiração amorosa, as recriminações que dirige a *Abelardo*, por vezes, com bastante violência e, até, o ressentimento com Deus que lhe subtraiu o seu amor. *Heloísa* apresenta um leque mais alargado e profundo da temática das epístolas de *Ovídio* e as suas cartas são incomparavelmente mais sérias do que as de *Constância*. São, pois, um trabalho que denota uma arte superior, mas até que ponto dão conta de uma realidade biográfica? Até que ponto é que essa realidade biográfica é deveras importante quando nos encontramos perante um texto de magnífica execução técnica, que transmite os sentimentos, as contradições, o desespero de uma alma? É certo que *Heloísa*, tendo sido a mulher que foi, conhecia, sem dúvida, a tradição de *Ovídio* e também as cartas de ardente amizade cristã e conselho espiritual que São *Jerónimo* escreveu para o círculo de mulheres devotas. Mas o que se lê nas cartas de *Heloísa* é algo que, sem negar as naturais influências dos textos citados, nos transmite a imagem de uma situação bem real, vivida e sofrida. Ela faz apelo e reúne, nesta escrita, todos os recursos que possui a nível estilístico, intelectual e emocional, de modo a expressar a sua experiência (real ou imaginária) da maneira que melhor lhe parece. Ela comunica o que acha que deve comunicar.

Se estas duas primeiras cartas de *Heloísa* para *Abelardo* estão próximas dos mais trágicos elementos contidos nas *Heróides*, isto é, os lamentos de uma mulher que ama e que é abandonada, ela passa da esfera expressiva das *trobairitz* para a das santas. A sua escrita está, aliás como a de *Abelardo*, repleta de elementos contraditórios e denota-se um enorme desejo de justificação que se centra no questionamento encontrado na sua escrita, não deixando de fazer parte de todo um processo retórico habilmente utilizado, quer por um, quer por outro. Nestas duas primeiras cartas *Heloísa* vê-se a braços com o amor humano: é uma escrita íntima, onde são usados todos os sistemas para comover. Há, parece, uma intenção expressa neste sentido e não se procura, somente, atrair a simpatia de *Abelardo*, mas fica-se com a ideia de que se busca uma audiência sem limites espaço-temporais. Há que ter em conta que foram estas duas cartas, mais do que a *Historia Calamitatum*, que projectaram as figuras de *Abelardo* e *Heloísa*, como protagonistas de uma história de amor trágica, na imaginação europeia. A escrita deu, a estas personagens históricas, uma dimensão mítica.

As cartas de Heloísa, a nível formal, parecem seguir o modelo das epístolas que se encontram na arte da escrita epistolar de Adalberto, um conhecido professor italiano de escrita epistolar dos princípios do século XII. Assim, Abelardo não terá sido o único a moldar o estilo da escrita de Heloísa. Ele próprio afirma que quando a conheceu ela já possuía uma vasta educação literária. Seria natural pensar que entre Abelardo e Heloísa tenha existido uma espécie de parceria intelectual, não havendo um só lado a considerar, relativamente à composição da *Correspondance*.

Cada carta pode ser vista como possuindo vários movimentos principais, cada um deles registando um leque distinto de efeitos. Na primeira carta de Heloísa, deve-se atender, logo de início, à dedicatória que diz o seguinte: "Ao seu senhor, ou melhor, seu pai; ao seu esposo, ou melhor, seu irmão; a sua serva, ou melhor, sua filha; a sua esposa; ou melhor, a sua irmã; a Abelardo." Esta dedicatória expõe, não só todo o leque de relações que os amantes viveram, mas acima de tudo, os sentimentos contraditórios que Heloísa sente e a total falta de categorização relativamente a Abelardo. Ela, na realidade, parece não saber bem qual é o seu papel (ou sabe-o, mas utiliza este posicionamento de dúvida para melhor chamar a atenção do destinatário/ processo retórico que não era de admirar que utilizasse expressamente) e todo o discurso que se segue tende não só a clarificá-lo, mas também a constituí-lo no sentido desejado. Esta dedicatória é, assim, um excelente instrumento que ajudará na decifração/compreensão do discurso que se segue: este divide-se em quatro movimentos principais: primeiro, a carta a um amigo cuja cópia lhe chegou às mãos (desvio intencional do discurso); segundo, as obrigações de Abelardo que deixam de ser encaradas relativamente ao "nós" e que passam para o "eu", isto é, quando Heloísa se torna na "única" e deixa de centrar o seu discurso no conjunto constituído por ela e pelas freiras do convento e passa a referir-se somente a si própria; terceiro, a descrição do seu estado de espírito, e quarto, as reclamações e recriminações que dirige a Abelardo.

Há, por parte de Heloísa, uma colagem intencional da carta *Historia Calamitatum* ao seu autor-escritor, isto é, Abelardo. Assim, a carta e o escritor são realidades. O escritor não pode voltar para ela através de uma simples carta e, no entanto, se ele estiver perdido para ela, ela própria estará perdida porque a sua existência depende da dele. Este paradoxo, que será gradualmente desenvolvido ao longo das cartas, dá conta da preocupação máxima que emerge desta escrita que é a falta de identidade própria³. Heloísa existe através de Abelardo. Ele tem de ser uma

³ Será esta "exterior", sabendo bem ela qual o seu papel? Ou será que é real e sentida, esta

presença, por isso se colmata a ausência através da escrita que lhe devolve a imagem dele, devolvendo-lhe, ao mesmo tempo, a sua própria imagem.

Heloísa põe em evidência os infortúnios de que Abelardo foi vítima, acentuando as perseguições dos professores, a suprema traição da sua mutilação, a incontável inveja dos seus pares e a condenação do seu glorioso livro, "Teologia". Este processo conduz à elevação do protagonista de tais infortúnios que decorre de um efeito retórico que assenta num sistema de comparações antagónicas: quanto maior a tragicidade, maior a notoriedade. Para além disso, quem poderá ler tão triste e trágica história sem chorar por Abelardo, sem o admirar, sem se conder por ele? Em seguida, ela chama a si esta mesma tragicidade, integra-se nela. As palavras "solidão" e "súplica" aparecem como as mais recorrentes, nesta passagem do seu discurso, e emerge o sentido de unicidade, também relativamente à sua pessoa. Ela expõe um vasto leque de autoridades, citando-as, o que serve não só para apoiar a sua argumentação, mas de igual modo, para dar conta da sua vasta cultura. E com que intenção? Não se denotará, aqui, uma certa colagem dela própria à imagem grandiosa de Abelardo? Não será ela, que existe por ele, também como ele um ser de excepção? As suas citações que vão desde autores pagãos, aos Padres da Igreja e à Bíblia vêm enfatizar e clarificar a dimensão heróica na qual se procura integrar, ela e Abelardo: as suas vidas serão legitimadas se se harmonizarem com tais exemplos.

Para Heloísa a *História Calamitatum* relembra e abre feridas antigas, aumentando-as: assim, a consolação do outro é o seu próprio tormento. Então, aparece a súplica para que essas feridas sejam curadas e, só ele, Abelardo, o pode fazer, pois foi ele que as causou: "Cura, imploro-te, o mal que tu próprio fizeste(...)", relembra-lhe esse aspecto bem humano e censura-o: "(...) tu que tanto te esforças para curar os males que outros causaram. Consolaste um amigo, um companheiro e pagaste a dívida de amizade e de fraternidade. Mas a tua dívida para conosco é muito mais urgente: que não nos chamem, com efeito, as tuas "amigas",

falta de identidade? É que não é de desprezar, dado tudo o que conhecemos sobre a inteligência e capacidades dos protagonistas, a possibilidade de que toda esta "interrogação" expressa sobre a identidade seja intencional e preencha a função de "interrogação retórica". Poder-se-ia realizar uma análise mais detalhada neste sentido. Quando se trata do discurso de Abelardo e Heloísa, quase que diríamos que tudo é possível, isto é, tudo o que esteja ao alcance da Razão e do conhecimento. No entanto, mesmo que, por vezes, existam certezas "disfarçadas" de incertezas com intenções puramente retóricas, é minha opinião que nem todo o discurso aqui referido se resume a isso, a um processo puramente e estritamente intencional. A dúvida existe sim; a incerteza também, embora por vezes inteligentemente utilizadas.

as tuas "companheiras", pois esses nomes não nos convêm. Nós somos as únicas que te amamos verdadeiramente, as tuas "filhas"(...) e mais adiante:" Se duvidasses da grandeza da dívida que tens para conosco(...)" Nesta sua súplica, Heloísa fala integrando-se na comunidade de freiras que dirige, fala no plural. Mas é certo que a mensagem que quer fazer passar é no singular: é ela que sofre, é ela que quer ser curada, é ela, a "única", que tem sido negligenciada. Em seguida, ela põe, novamente, em evidência a unicidade de Abelardo, de forma hábil, primeiro no contexto monástico, plural, depois no contexto humano, pessoal, singular, e escreve: "O fundador do nosso convento és tu, depois de Deus, tu o único construtor da nossa capela, o criador da nossa congregação. Nada edificaste sobre as fundações de outrem; tudo, aqui, é obra tua."⁴ E, mais adiante: "Tu só, e não outro, tu só, que és a única causa do meu sofrimento, me poderás trazer a graça da consolação. Tu só, que me afligiste, poderás me devolver a alegria ou, pelo menos, aliviar a minha dor. Tu só, isto me debes, porque eu, cegamente, realizei todas as tuas vontades (...). É um discurso que pede uma decifração, uma leitura não literal, uma busca do seu verdadeiro sentido: Heloísa suaviza a memória de uma relação passada interpondo-lhe a actual situação monástica, mas quer chamar a atenção do leitor para o plano pessoal, pois é desse que se trata. Quando se refere a "todas as tuas vontades", utiliza o plural, excluindo, assim, a possibilidade de tratar-se, somente, do facto de ter entrado para o convento contra a sua vontade. A que outras vontades dele terá ela cedido? Referir-se-á ao casamento? Ao abandono do filho? Parece que a resposta a esta questão ficará presa na memória do tempo que desconhecemos e sobre a qual só podemos especular.

Utilizando palavras que denotam comando, como "ordem"; "obedecer", Heloísa remete para ele a responsabilidade do seu actual estatuto: ela entrou para o convento porque ele a obrigou. Nesta passagem, ela procura pôr em evidência o seu gesto de submissão e abnegação e escreve: "(...) o dia em que, para te obedecer, tomei o hábito e aceitei mudar de coração. Provei-te, assim, que reinas como o único senhor sobre a minha alma e sobre o meu corpo. Deus sabe que nunca procurei em ti algo que não fosses tu próprio. Foste tu o que eu sempre quis e não aquilo que representas ou aquilo que possuis." E mais adiante:" O nome esposa parece ser mais forte, mais sagrado. No entanto, o de amiga sem-

⁴ Discurso de duplo sentido? Referir-se-á a ela própria, também, e não só ao convento e à congregação? Assim bem o parece, mas não cabe aqui, nesta breve análise, o aprofundamento desta questão que seria, sem dúvida, bem interessante e elucidativo. Deixemos isso para uma outra ocasião.

pre foi, para mim, mais doce." Encontramos aqui, um ideal cortês que sobressai a par do ideal de amizade desinteressada, que Ambrósio, seguindo Cícero, exaltou, onde cada amigo ama o outro sem qualquer tipo de interesse. Ela afirma que foi este pensamento que sempre a conduziu: Ele e só ele. Ela só espera satisfazer os seus desejos e não os dela própria.

O discurso de Heloísa segue centrando-se em reflexões repletas de citações e exemplos sobre o amor, o casamento, a amizade. Introduce uma série de perguntas retóricas que projectam, no leitor, o Abelardo ideal. Num discurso hiperbólico, com ecos de Ovídio, tece os maiores elogios a Abelardo, em que afirma que a sua grandiosidade lhe trouxe a fama. Seguem-se novas perguntas que vão aumentando de intensidade alcançando a exultação trágica: "Qual a mulher, que outrora me invejara, não se compadeceria, hoje, de mim, do infortúnio que me priva de tais delícias? Qual o homem ou a mulher, mesmo que tenha sido no passado o meu pior inimigo, não se comoveria e não teria de mim uma justa piedade?"

No discurso de Heloísa sobressaem sempre os ecos da *Ética* de Abelardo que reflectem sobre a intencionalidade da acção. Entre as acusações que faz a Abelardo, podemos verificar que existe uma tensão no contraste entre a amizade pura e egoísta, amor e luxúria. Se Abelardo a negligenciou, não terá então falhado no cumprimento do ideal de "amicitia" que ela cumpriu? Terá sido o seu amor unicamente exploração e não verdadeiro? Embora ela afirme que o mundo aí está para julgar, o seu conceito de verdade objectiva significa que a verdade da intenção deve ser encontrada nele e nela própria. E interroga-se se não terá ele deixado de pensar nela porque o seu desejo sexual cessou. E, num belíssimo discurso, Heloísa fala abertamente do desejo, da luxúria, da fragilidade do ser humano perante o desejo da carne e lembra-lhe que ele pode ter deixado de sentir desejo porque foi castrado, mas ela não, ela deve suportar o ardor desse mesmo desejo vendo-se a braços com uma memória de um passado de "delícias". Aqui, ela revela a total dimensão do seu sacrifício e insiste que nela nunca existiu um acto de submissão a Deus. E continua numa sucessão alternada de recriminações e apaixonadas confissões de amor, repletas de exemplos bíblicos e citações em que justifica o seu "amor perfeito". É este amor que ela sente por Abelardo, por isso, sendo perfeito ele é justificável e legítimo assim como o é a sua conduta em função de tal sentimento.

Na resposta de Abelardo à primeira carta de Heloísa, logo pela dedicatória se percebe que para ele a situação é ou quer-se que seja bem mais clara e definida: "A Heloísa, sua amada irmã em Cristo, Abelardo, seu

irmão em Cristo." Por aqui se esclarece que se tenciona manter o discurso a nível espiritual, religioso. Ele inverte a situação e defende-se da acusação de negligência elogiando a santidade de Heloísa e das suas monjas que diz não necessitarem do seu consolo ou orientação espiritual. Talvez seja ele que precise de orientação e afirma que isso seria mais aceitável aos olhos de Deus. Para sustentar esta sua argumentação reflecte sobre as qualidades e eficácia das orações das mulheres, citando as autoridades. Assim como Heloísa deixou de utilizar o "nós" representativo da sua ligação com a comunidade e se voltou para o único laço possível com Abelardo, também ele faz uma transição similar: elogia Heloísa, faz citações bíblicas e afirma que as orações dela em seu favor serão mais eficazes. Nota-se um certo paralelismo no desenvolvimento e exposição dos processos argumentativos, de um e de outro, embora se dirijam e utilizem uma temática de fundo diferente.

Na segunda carta, Heloísa dá conta de como as palavras de Abelardo, que acabou de ler, a fazem sofrer. Ela recrimina-lhe a ideia de morte sugerida, mas a sua dor centra-se mais no tom das palavras de Abelardo, pois denota nelas a morte da sua relação passada, a qual ela não quer esquecer. Encontramo-nos perante um discurso voltado para uma memória, para uma lembrança que não deve ser apagada. Ela recusa a ideia da morte física de Abelardo e, ao fazê-lo, recusa igualmente a morte dos sentimentos de amor. A ausência do ser amado provoca-lhe a revolta da qual resulta a ausência da oração, a ausência da palavra, tornando o silêncio iminente. Esta é uma situação insuportável: Como viver sem Abelardo? Ou melhor: Como viver sem o Amor?

Heloísa parece querer provar que não é aquilo que ele quer fazer crer, e que os seus motivos são bem humanos. Há, nesta carta, grandes momentos de contradição de sentimentos de que dão conta expressões como "inclemente clemência" ou "desafortunada Fortuna". Deus é retratado como "crudelis", cruel. Ela vê a mutilação de Abelardo não só como uma injustiça humana, mas também como uma injustiça divina. Para exemplificar isto utiliza um discurso retórico, dramático, escolhendo com cuidado figuras de antíteses: "Enquanto gozávamos as delícias de um amor inquieto e (servindo-me de uma palavra brutal, mas expressiva) nos entregávamos à devassidão, a severidade divina poupou-nos. Mas, quando tornámos legítimos os nossos prazeres ilegítimos e cobrimos de dignidade conjugal a vergonha de nossas fornicações, a cólera do Senhor abateu-se pesadamente sobre nós. O nosso leito manchado, não a comoveu: ela desencadeou-se após o termos purificado. (...) Aquilo que os outros merecem pelo crime de adultério, foi o casamento que to ofereceu." O seu discurso mostra bem a tensão que existe entre o espírito e o corpo,

mas também dá conta de uma sincera incompreensão pelo que lhe sucedeu. A memória do passado, do prazer, do amor é mais forte do que a sua devoção. Será que verdadeiramente ela quer esquecer esse passado? Não, porque a lembrança é doce. Essa memória proporciona-lhe prazer e o desejo não lhe dá paz. Por isso, ela vê-se doente, atingida por um mal do qual ele já não sofre porque Deus, castigando-o (refere-se à castração), curou-o. *Heloísa* apresenta uma visão muito clara e muito corajosa, nesta segunda carta, da sua situação e da realidade do seu tempo. Ele aborda o tema da hipocrisia e foca a inutilidade do seu sacrifício, pois ela ama mais *Abelardo* do que Deus. Ela refere o arrependimento, que só existe se for puro, que ela não sente e confessa-o, a *Abelardo*, mas também, pela escrita da carta, a ela própria.

Esta carta é uma confissão verdadeira: ela confessa-se ao seu amor e não a Deus. É uma instância terrena o seu destinatário; é o amor dos homens que comanda o seu discurso e não, como no caso de *Abelardo*, pelo menos na sua maior parte, o amor divino. Há, ainda, outros pontos de contraste entre estes dois discursos: o de *Heloísa* é verdadeiramente humilde pois ela pede-lhe que cesse de elogiá-la, enquanto que o de *Abelardo* é um discurso, mesmo quando toma uma tônica definitivamente religiosa, onde a sua elevação, que começou por ser como homem e que se vira, depois, para Deus, não se cansa de ser posta em evidência.

Abelardo, na última carta de resposta a *Heloísa*, que fecha este corpus de cinco cartas aqui considerado, apresenta um discurso de grande teor religioso, o que já se deixava adivinhar pela dedicatória que, como as anteriores, são autênticas pistas para a melhor compreensão do texto que se lhes segue e escreve: "A esposa de Cristo, o servo de Cristo." Ele começa por dividir a carta em quatro partes, de modo a esquematizar o pensamento e poder melhor responder às acusações que *Heloísa* lhe dirige. O tom torna-se mais duro, menos humano. Ele volta-se totalmente para Deus, numa tentativa de sacralizar os sentimentos de ambos e de justificar e validar toda um modo de actuar. A ordem das palavras serve para fazer valer as suas ideias e o seu desejo de afastamento de *Heloísa* como esposa. Ele recusa a sua relação humana e quer ver acentuada a relação de ambos como religiosos. Por isso, ela é-lhe superior, porque esposa do Senhor. Estes são os seus argumentos. Ele recusa o tom que *Heloísa* emprega, o seu apego às coisas mundanas e volta o seu discurso para Deus. Existe um esforço, por parte de *Abelardo*, no sentido de esquecer um passado e a vontade de encarar um futuro também grandioso, mas numa outra dimensão: a divina. Então, começa uma longa reflexão, de teor filosófico e teológico, referindo a unificação dos contrários. Toma como exemplo a figura bíblica da etíope, esposa de Moisés, para

reflectir sobre a alma e o corpo, aplicando-se o branco a esta e ao interior, e o negro ao corpo e ao exterior, fazendo o paralelo desta figura com Heloísa vestida do seu hábito de religiosa cujo exterior, negro, lembra o mundo, os vícios e os pecados, contrasta com o branco, que simboliza a pureza da alma e como estes dois opostos se unificam e se harmonizam. Relativamente à figura da esposa de Moisés, da etíope, é de notar a precisão das descrições que faz, destacando o contraste entre o negro e o branco, interior/exterior, dentes brancos/ corpo negro. Não se pode pôr completamente de parte, a possibilidade de, por entre todo este discurso de ordem filosófico/teológico que deriva deste exemplo bíblico que refere a mulher negra, existir um certo desejo de sensualidade que esta mulher exótica traz consigo. Mais significativo se torna se o pensarmos no âmbito de uma comparação desta com Heloísa, comparação essa feita através da cor e do hábito religioso, isto se considerarmos um segundo nível de significação.

No entanto, o sentido primeiro desta explicação da passagem bíblica centra-se na metáfora pela qual tenta validar a situação das suas vidas e, também, a vida monástica, os benefícios da solidão, estabelecendo o paralelo entre a câmara dos esposos e o mosteiro. Abelardo vê, então, a morte como uma libertação da condição humana. Ele reconhece a verdadeira humildade, mas alerta-a contra os perigos da duplicidade: recusar os louvores para, por isso, ser louvado. Já no final, afirma que a sua salvação depende da sua conversão, pois ele não se pode salvar sem ela, sem que ela se submeta a Deus. Ele necessita dela para a sua própria salvação. Relembra-lhe a sua vida em comum e tenta que ela veja os infortúnios de ambos à luz de algo mais grandioso que será a aceitação de ambos por Deus. As contrariedades que sofreram representam uma possibilidade de evolução, sendo, por isso, um Bem. Acaba, quase que lhe anunciando o grandioso destino que lhes está reservado por Deus, uma vez que as suas vidas estão repletas de indícios que assim o dizem. Eles são Um em Deus. Só a oração, essa outra palavra, diferente daquela que ela lhe exige, poderá levar à santificação do seu amor que não sendo possível na terra, será Uno na eternidade do Céu.

Que outro discurso poderia ele apresentar, agora que só lhe resta a salvação como meta grandiosa? Aqui, Abelardo parece verdadeiramente sincero, mas quanto à humildade, será que, finalmente, soube alcançá-la?

Chora-se com Abelardo os seus infortúnios e, ao mesmo tempo, louva-se a sua coragem, a sua resignação, o seu arrependimento, a sua fé. O leitor deixa-se prender nas doces malhas da sua retórica, de um discurso de auto-louvor e de inteligência. Este, constrói-se na ambiguidade, num jogo entre o esquecimento e a evocação de uma imagem do passado,

porque é o passado que vai permitir um futuro de excepção, mesmo no infortúnio, mesmo na tensão entre aquilo que se é e aquilo que se desejaria ser. A tensão reside, também, entre a tentativa, por parte de Abelardo, de ocultar um passado pelo qual se sente responsável e a vontade que *Heloísa* demonstra em mantê-lo vivo, evocando-o sem cessar, entre um passado e um futuro "trabalhados" num presente que se quer apagar. É precisamente este presente que não tem lugar, assim como não o teve o filho *Astrolábio* que é posto de parte logo à nascença e, de igual modo, os monges que ele não consegue controlar.

Esta última carta de *Abelardo* é, de facto, um discurso belíssimo, trágico e poético, comovente e convincente, onde ele abre o enorme leque das suas aptidões argumentativas de maneira soberba. A carta de *Heloísa*, após esta última de *Abelardo* e que não está incluída nesta análise, não fazendo parte do corpus seleccionado, apresenta uma viragem completa a nível de discurso, sobretudo no que se refere à temática. E o discurso da religiosa que pede regras monásticas para o convento que dirige: aparece o desejo de obediência ao seu senhor, "dominus", não é a mesma *Heloísa*. Poderíamos concluir que o discurso de *Abelardo* venceu?

Este conjunto de cinco cartas que temos vindo a analisar, apresentam uma alternância dos temas, dos tons de que se reveste o discurso, contribuindo tudo isto para o jogo de contrastes que se quer ver aplicado, de maneira a melhor conduzir o leitor, os seus sentimentos, no sentido desejado pelos seus autores. As cartas comovem e convencem e pela grandiosidade do discurso que veiculam atravessaram o tempo, tornando os seus autores/protagonistas da narrativa, imortais. Mas não é esse o mais belo poder das palavras? Não são elas as próprias autoras da imortalidade?

Bibliografia

- La Vie et les Epistres. Pierres Abaelart et Heloys sa fame.* Tradução do século XIII atribuída a Jean de Meun. Eric Hicks ed., Champion-Slatkine, Paris-Genève 1991.
- Abélart et Heloïse. Correspondance.* Texto apresentado por Paul Zumthor. Colecção Bibliothèque Médiévale 10/18, Union Générale d'Édition, Paris, 1979.
- Lettres et vies /Heloïse et Abélart.* Introdução e notas de Yves Ferroul. Flammarion, Paris, 1996.
- Correspondências*, 1, Edições Colibri, Lisboa 1998
- Clanchy, M.T., *Abélard - A medieval life*, Blackwell, Oxford, 1999.
- Gilson, Étienne, *Heloïse et Abélard*, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1997.

- Jauss, H.R. *Pour une esthétique de la réception*, Tel / Abélard, Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1982.
- Jolivet, Jean, *Abélard ou la philosophie dans le langage*, Editions Cerf, Paris 1994.
- Le Goff, Jacques, *Os Intelectuais na Idade Média*, Edições Gradiva, Lisboa 1990.
- Lemoine, Michel, *Théologie et Platonisme au XII siècle*, Editions Cerf, Paris 1998.
- Meyer, Michel, *Questões de Retórica: Linguagem, Razão e Sedução*. Nova Biblioteca 70, Edições 70, Lisboa 1998.
- Payen, Jean-Charles, *Le Motif du Repentir dans la littérature française médiévale (des origines à 1230)*, Librairie Droz, Genève, 1968.
- Spencer, Sarah, *Texts and the Self in the Twelfth Century*, Cambridge University Press, Cambridge 1996.
- Sassier, Yves; Rigaudière, Albert e Guillot, Olivier, *Pouvoirs et institutions dans la France médiévale: Des origines à l'époque féodale*. Tome 1, Éditions Armand Colin, Paris 1999.
- Verger, Jacques "Abelardo. Escolas no claustro." In *Monges e Religiosos na Idade Média*, apresentação de Jacques Berlioz. Edição Terramar, Lisboa 1996.